

# O infantil e o desamparo encarnado no filme *Brinquedo proibido*

*Marcia Maria dos Anjos Azevedo\**

## Introdução

Sobre o filme *Brinquedo proibido*, com direção de Renè Clement, premiado pelo fato de “ter elevado a uma singular pureza lírica e excepcional força de expressão a inocência da infância acima da desolação da guerra”, podemos traduzi-lo como um primor de produção cinematográfica.

Foi com rara beleza e singeleza que os dramas e tragédias humanas foram abordados, tais como os danos pessoais e sociais trazidos pela guerra, a dor, a morte e os diversos aspectos do luto. Esta película coloca o espectador diante de um dos mistérios da vida que é a própria morte e o modo de como o ser humano encontra de se reinventar, a partir da dimensão traumática de cada perda sofrida. Encontra-se aqui apresentado um dos enigmas sobre o qual a psicanálise ainda se debruça, a respeito das estratégias de sobrevivência utilizadas pelo humano. Segue-se perguntando sobre os recursos que cada sujeito consegue construir para lidar com as intempéries da vida humana. Nesse caso, sempre me lembro de uma máxima de Sartre que nos importa saber o que cada sujeito faz com o que lhe acontece, mas não sobre o acontecimento em si.

Bem, mas, apesar dos diversos aspectos possíveis a serem abordados sobre o filme, vou me ater ao drama vivido por *Paulette* e *Michel*, cuja dupla esteve ocupada “não com o enigma da vida mas com o enigma da morte”<sup>1</sup>. Essa trama datada de Junho de 1940, no início da segunda guerra, referida ao interior da

---

\* Psicanalista, membro efetivo da SPCRJ. Doutora em Psicologia- UFRJ, coordenadora da Comissão de Biblioteca e Publicação – CBP/SPCRJ; editora responsável dos Cadernos de Psicanálise da SPCRJ; Professor Adjunto do Departamento de Psicologia - UFF; membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família – AIPCF.

1. FREUD, S. (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Rio de Janeiro: Imago. p. 41. (Edição standard brasileiras das obras completas de Sigmund Freud, 10).

França, com a tomada inicial em uma legião de pessoas comuns em fuga, buscando um lugar um pouco mais seguro para tentarem sobreviver ao terror da guerra. Cena que nos parece muito familiar nos dias de hoje.

Nesse drama, trauma e desamparo são dois conceitos que se interligam, uma vez que remete a uma busca desesperada de fugir daquilo que não se tem domínio ou controle. De qualquer modo, ambos surgem a partir da impossibilidade do sujeito responder a uma situação que tenha afetado, dolorosamente, sua existência. Uma guerra, sua violência e o potencial de destruição associado, contribuem em larga escala para que esses dois termos estejam em relevo no processo de subjetivação do humano, principalmente em tenra idade.

O adulto pode tentar se proteger ou tentar eliminar os obstáculos do caminho quando tem acesso ao que o ameaça. Contudo, uma criança não tem noção dos riscos e do que há de ameaçador adiante, pois não possui instrumental psíquico para representá-lo. Cabe ressaltar, segundo Green<sup>2</sup>, que, apesar da atividade de representação ser um processo inerente ao funcionamento humano, há momentos da vida em que faltam recursos para administrar a intensidade e a violência, tanto interna quanto externa, a que o eu se encontra submetido.

Segundo Silva Junior<sup>3</sup>, na experiência psicanalítica, as falhas da narração apontam para o não narrado, assim como para o inenarrável. O primeiro tipo de falhas, isto é, o não narrado, se mostra de forma indireta, enigmática, como nos sintomas neuróticos e nos atos falhos. Já, o segundo tipo na ordem do inenarrável, aponta para os limites estruturais da linguagem, para sua origem, que, logicamente, não pode ser apreendida pela própria linguagem. Esse autor diz que é o caso do umbigo do sonho, do objeto das *construções*, descrito por Freud em 1937, mas também da interface do campo simbólico com o registro pulsional encontrado no texto “*Mais além do princípio do prazer*” em 1920. Diz ainda, a noção de trauma está presente em ambos os tipos, tendo sido essencial a cada vez para a compreensão psicanalítica das relações entre o sujeito e a linguagem.

Os destinos vivenciados por um sujeito ou por um grupo decorrentes de uma situação traumática são diversos e as possibilidades de reconstrução só serão reconhecidas *a posteriori*. Assim como o processo de subjetivação que é o próprio enigma acerca da organização e reorganização da vida psíquica.

O ser humano, em sua condição de desamparado desde o nascimento, depende do outro para se manter. É esse quem oferece a sustentação mínima

2. GREEN, A. *A linguagem en el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

3. SILVA JUNIOR, N.; GASPARD, J. L. Trauma e narração: modelos e suas consequências clínicas de Freud a Lacan. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*. Rio de Janeiro. v. 31, n. 34, p 21-37, 2015.

para garantir a continuidade da vida. E, nesse sentido, aquele que cuida, que dá suporte a existência, adquire valor de objeto de amor. Assim, a condição de desamparados ameaça, desde sempre, o humano e jamais o abandona.

## A violência e a desproteção

Em uma realidade como a da guerra com a exposição ao limite, aos excessos e a possibilidade de morte iminente, tudo que não é essencial torna-se excesso e precisa ser descartado. Nessa hora é cada um por si.

O filme apresenta o contraponto proteção/desproteção em situações limite, provocando angústia no espectador. Um casal que se expôs ao perigo diante a necessidade de proteger sua pequena filha que, tendo se lançado em busca de salvar seu cão de estimação, corre, inocentemente, em sua direção, justo no momento de um ataque aéreo.

A angústia, vivida na situação encenada, produz um ato, no qual os pais se arriscam para conter a corrida da pequena e, inevitavelmente, tanto os pais quanto o cão são atingidos no mesmo momento. Nesse fragmento de tempo, o olhar do espectador congela e aquela figura frágil personifica o desamparo. Contudo, após chamar pela mãe e não ser atendida por já se encontrar desfalecida pela violência do ataque, ela caminha na mesma direção que os outros com a única coisa que lhe restou. Não seria possível, simplesmente, seguir adiante sem ele. Aquele não era para ser um peso morto, mas seu objeto de investimento afetivo.

Foi, em perseguir o corpo daquele brinquedo, que já morto fora jogado ao rio por outrem, o que a levou adiante e a impele a adiar, um pouco mais, no tempo, a condição inexorável da vida humana que é a de desamparo. Diante da inocência violentada pelas perdas que a guerra lhe trouxe, sem promessas, nem garantias, nem negociação possível, ela segue o curso do rio. Pois na vida, inevitavelmente, nos deparamos com a solidão e, assim, Clarice Lispector<sup>4</sup> nos diz a respeito que:

O que nos salva da solidão é a solidão de cada um dos outros. Às vezes, quando duas pessoas estão juntas, apesar de falarem, o que elas comunicam silenciosamente uma à outra é o sentimento de solidão.

4. LISPECTOR, C. A comunicação muda. In: *A descoberta do mundo*. Crônica de 10/02/1970. Rio de Janeiro: Rocco, [2008].

Nesse contexto funesto, quando não há o que seguir, uma carroça quebrada sendo puxada por um cavalo manco torna-se um guia, não se sabe em que direção, pois não há aonde ir e nem aonde chegar. Esse era o panorama no qual *Paulette* se encontrava, à mercê de sua sorte. Nesse momento, o acaso lhe protegeu, uma vez que encontra *Michel* juntamente com um acolhimento vital e necessário. A promessa de receber um “cachorrinho vivo e mais lindo que o seu”, é o motivo suficiente para seguir *Michel* e sua promessa de ligá-la novamente à vida, protegendo-a do estado de desamparo.

### Acolhendo o desamparo alheio

Mas quem seria *Michel* nesse roteiro? Uma criança que aprendeu a cuidar do outro de uma maneira tão delicada, mesmo vivendo em um ambiente inóspito, miserável, independente de serem tempos de guerra ou de paz. Um bebe sábio na essência do termo ferencziano. O cuidador perfeito que se identificou com o desamparo daquela boneca estrangeira encantadora. Foi, então, cuidando de *Paulette* que encontrou um lugar de destaque, uma vez que ele experimentava em seu contexto vital a função de servir, ceder lugar e de fazer silêncio. Então, ser um cuidador era um lugar comum em seus poucos anos de existência. Era naquela situação em que havia um lugar narcisicamente investido, onde ele ganhava visibilidade e um mínimo reconhecimento necessário à sua própria existência.

Para *Michel* proteger o outro, em sua fragilidade, o tornava importante, responsável por esse outro e, em certo sentido, protegido do próprio desamparo. Na história contada, ele houvera encontrado um caminho, a partir do qual buscava se diferenciar e se amparar. Encontrou suporte em um mundo simbólico, na alfabetização, na Igreja, na casa de “seu Bom Deus”. Imerso nesse contexto de miséria e ignorância, encontrava-se “culpado e inocente”, a partir da perspectiva de assimetria entre a “linguagem da ternura” e a “linguagem da paixão”.

Juntas, essas duas crianças, sem muitos recursos psíquicos pela própria condição infantil, foram salvas pela fantasia. Segundo Pinheiro<sup>5</sup> paixão e ternura são duas palavras escolhidas por Ferenczi para demonstrar a confusão de línguas entre os adultos e a criança, oriunda de dois universos, que não podem se compreender, mas que se cruzam com frequência, porém de modo catastrófico.

Nessa perspectiva apontada por Ferenczi, fantasia e realidade se fundem desde o início desse encontro e, em algum momento, não se reconhecia mais o

5. PINHEIRO, T. *Do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 73, 1995.

limite entre as duas dimensões, uma vez que o adulto penetra a criança duplamente com sua linguagem e com seu inconsciente. Em sua virtualidade, a constituição psíquica humana, as crenças, as fantasias e o real se entrelaçam e é no violento encontro com o outro, que se constrói a subjetividade.

Ainda de acordo com Pinheiro, há algo na ordem do excesso na linguagem da paixão do adulto, que não poderá ser introjetado pela criança, o qual ela não tem recursos para metabolizar. Nesse sentido, a criança será obrigada a tornar-se culpada de alguma coisa que ela não conhece, de algo que ela não percebeu nenhum mal.

Com a morte, impondo-se como uma perda real e imediata e a impossibilidade de atribuir sentido ao luto vivido, as duas crianças construíram a teoria de que os mortos são enterrados em um buraco para ficarem cobertos e protegidos do frio e da chuva. Então, na tentativa de inscrição do lugar dos mortos, tal como um representante da família, *Jock* –seu cão – foi enterrado “em nome do pai do filho e do espírito santo, amém”, para estar protegido. E, com ele, em última instância, nessa cadeia associativa, os pais de *Paulette*, estariam também protegidos. Além de terem sido recebidos no “paraíso”. Essa hipótese seria suficientemente apaziguadora.

Mas, se consciência e memória são processos diferenciados, segundo Freud<sup>6</sup>, estes pais que desapareceram de modo trágico diante de seus olhos, não estão esquecidos, mas ganharam um lugar que deve ser visitado e revisitado constantemente pela menina.

Aqui, utilizamos uma contribuição de Lejarraga<sup>7</sup> sobre a relação entre memória e trauma, na qual aponta que a noção de impressão remete à marca do acontecimento, de índice do vivido. Segundo a autora, essa seria a particularidade do acontecimento traumático, que não se inscreve como lembrança consciente ou inconsciente, mas que se registra em algum lugar.

Um ritual surge com valor estético, possibilitando a revivência da perda e sua reparação. Com um olhar de fascinação, determina-se, assim, saber onde estão seus mortos enterrados. Um paraíso, a ser repetidamente buscado, foi construído, mas era apenas para os que já estavam mortos. Aqui, ganha força a fascinação por “lindas cruzeiros”. Com elas se enviam os mortos para o paraíso, além de serem mantidos protegidos da chuva. Ali, no cemitério, são postos juntos “para que não se aborreçam”, lembrando-se de Freud em *Totem Tabu* (1913) de que os mortos retornam e se vingam.

6. FREUD, S. (1940). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (ESB, 23).

7. LEJARRAGA, A. L. *O trauma e seus destinos*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

Seria este um trabalho de tentativa de inscrição do trauma vivido por *Paulette*, uma vez que não havia possibilidade de elaboração dentro de trabalho de luto como conhecemos? De qualquer forma, nosso olhar espectador testemunha a construção, feita por *Michel*, em um moinho desativado, de um santuário – cemitério para poder encontrar enterrados os mortos, que não tiveram suas cruzes com o tamanho certo. Assim, em lugar de um cemitério vemos a construção de um altar.

Nesse romance infantil circulam as noções de certo e errado, o possível e o proibido, surgindo diversos mecanismos a serem postos em relevo, mas, principalmente, a repetição em ato. No limite entre fantasia e realidade, a transgressão se apresenta, como diria Freud (1905) em seus Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, em termos do seu perverso polimorfo. Outrossim, a transgressão infantil surge para exercer algum poder sobre o objeto. Narcisicamente, ele tinha algo a oferecer e a conquistar sedutoramente, que era a possibilidade de realizar caprichos do outro em busca de ser reconhecido.

O humano, na tentativa de se proteger do próprio desamparo, se aproxima da ideia da existência de um Deus, mas também de um Outro, que dê suporte à sua existência. Em seu percurso teórico, Freud buscou aprofundar o estudo sobre a importância da religião e da cultura. Assim, segundo Pereira, a noção de desamparo se traduz pela impossibilidade do aparelho psíquico de apreender pela simbolização o conjunto dos possíveis e de delimitar, o sujeito, seu corpo e seus desejos em um mundo simbolicamente organizado. Esse autor diz ainda que “a fragilidade da existência humana e a falta de garantias ante as forças da natureza e as incertezas do futuro são as formas concretas pelas quais a condição de desamparo se materializa”. Nesse sentido, é que o desamparo se funda sobre a “fragilidade própria à linguagem, enquanto esta é falta de garantias últimas e definitivas”<sup>8</sup>.

A jovem *Paulette* encontrava-se em busca de ligar-se aos objetos, de ser cuidada e de “tornar tolerável seu desamparo”<sup>9</sup>. Ela, em sua condição de indiferenciada em um investimento afetivo com seu cúmplice, em um crime não cometido. Encontravam-se fusionados pela fantasia compartilhada. Ele, com medo de ser descoberto diante do pecado cometido, com clara demonstração da existência de uma instância superegógica tirânica em ascensão, pois era sabedor de seu comportamento inadequado, diante dos olhos de Deus. Sua culpa, apesar expiada pela penitência, se confrontava com algo que havia de mais forte (a força da pulsão em sua intensidade) era o impulso inconsciente de re-

8. PEREIRA, M.E.C. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 2008. p. 200.

9. Idem. p. 201.

alização de desejo, traduzido em coletar cruzeiros e em esperar por encontrar o prazer nos olhos do outro.

### A repetição em questão

O ato repetido de modo compulsivo remete, ainda, a compreensão de que mesmo não tendo mortos suficientes, começam a encontrar-criar seus objetos fetiche. Assim é que a partir da fala do personagem “era bom estarem mortos para lhes dar uma linda cruz”, porém “não era para matá-los, apenas abrigar os que já mortos”, possibilitando, de modo incipiente, o surgimento de objetos substitutivos. Ainda assim, os mortos respectivos começavam a não ser tão importantes quanto as cruzeiros. Um novo cemitério era criado e belamente decorado, porque eram outros os mortos. Em contrapartida, em sua condição perversa e polimorfa nos termos freudianos, Michel “buscava encontrar as cruzeiros mais lindas para lhe entregar”.

Se, no ato repetido há um núcleo inassimilável, uma cena cristalizada repete a perda da mãe e uma tentativa de reparar a perda. Segundo Santos<sup>10</sup> “aquilo que não está sob os olhos pode, ainda assim, conservar sua existência”. E nesse sentido, a brincadeira suprime a particularidade do objeto, universalizando a condição de sua representação, constituindo-se um “depósito da permanência ou depósito de objetos perdidos”<sup>11</sup>. Aqui, Santos reafirma juntamente com Safouan que “a conservação do objeto é simultânea à perda”<sup>12</sup>. Do mesmo modo, “as experiências repetidas são aquelas que causaram feridas narcísicas: a perda do amor e o fracasso vividos pela criança no abandono do narcisismo primário”<sup>13</sup>. Sobre essa questão, Freud<sup>14</sup> havia dito em *Inibição Sintoma e Angústia* (1926) o ego que venceu um trauma repete passivamente a sua atividade no brincar. Dessa forma, mudando de passividade para atividade, cuja tentativa de domínio de suas experiências passa pela forma física, pela atividade motora, na qual segundo Green<sup>15</sup> “ela edifica uma nova ordem”.

Michel investe, narcisicamente, na “imagem que ele percebe ser amada pelo Outro”. Mas, ao deparar-se com a subsequente frustração por não conseguir realizar a sua própria fantasia, vê-se novamente castrado, limitado, insatisfeito

10. FREUD.S. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (ESB, 21).

11. SANTOS, L.G.. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta, [2002].

12. *Idem*, p.91.

13. *Idem*, p.91.

14. *Idem*, p.101.

15. GREEN, A. *Brincar e reflexão na obra de Winnicott*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

em seu intento. Isso revela sua condição do humano ser, desde sempre, insatisfeito e novamente desamparado. Somente a posteriori, é que surge a culpa pela reza errada, de má vontade, diante da própria inveja do irmão em seu leito de morte, cercado pelo sofrimento familiar, o que nunca houvera experimentado.

Nessa dinâmica, alguns recursos são criados para expurgar o medo de ser descoberto em seus crimes e o castigo decorrente. Suas atitudes também ilustram, nas palavras de Freud “as atividades francamente bandidescas do “complexo familiar”<sup>16</sup>. Entretanto, o que *Michel* oferecia a *Paulette* era algo que nem seus pais e nem os dela tiveram espaço – tempo e condições de lhes oferecer. A ignorância e ausência da capacidade de cuidado de uma família e a tragédia que se abateu sobre a outra era um dado que chamou atenção, desde o início.

Em relação a essa perspectiva, a constituição subjetiva dessas duas crianças encontrava-se em curso, junto ao sentimento de insuficiência, de traição, de ciúme, de inveja, de perda e de não discriminação. A constituição de si pela necessidade de reconhecimento aparece realçada como uma necessidade narcísica humana.

A sobrevivência psíquica nos impõe a outros enigmas também remetidos à própria morte, diante do olhar alheio. Uma pergunta se mantém sobre o que resta de humanidade no humano que vivencia um trauma grave ou uma tragédia? Utilizo um pensamento de Green<sup>17</sup> ao afirmar que o mínimo que pode ser dito sobre a realidade é que “existe horror demais nela: há guerra, delinquência, catástrofes naturais, epidemias, desemprego e terrorismo.” E que esse é nosso cotidiano. Green afirma que todos esses temas se apresentam como preferidos das crianças, quase em sua totalidade e, se pergunta, então, “como aguentaríamos todos os traumas causados pela realidade sem brincar?”

## Um possível epílogo

Enfim, ao assistir esta película foi impossível não observar que um dos destinos do trauma vivido pelas crianças foi lúdica e passionalmente compartilhado entre eles. A ausência, se tornou presença no trabalho do negativo. E, foi no processo identificatório, naturalmente, vivido por eles, que surgiu a possibilidade de oferecer ao outro, aquilo que gostaria de ter recebido.

*Paulette*, em sua tenra idade, não possuía recursos para compreender a situação catastrófica à qual foi submetida. A violência sofrida compromete a possi-

16. FREUD, S. (1926). *Inibição sintoma e angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (ESB, 20).

17. \_\_\_\_\_. (1901). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (ESB, 6).



bilidade de simbolização, cujo aspecto disruptivo impossibilita a inscrição da perda vivida e impede qualquer possibilidade de elaboração de luto. No aspecto da violência implicada, cada cruz colecionada por *Michel* e oferecida a *Paulette*, adquiria valor de ligação, uma vez que a repetição desse ato ocupava o espaço-tempo de uma palavra não formulada e de uma dor não vivida como tal.

Ainda poderíamos discorrer um pouco mais da característica dos prejuízos em relação à constituição subjetiva de *Paulette* diante da efração, invasão, do aspecto traumático, mas vemos surgir em sua constituição subjetiva, uma mínima diferença que se manifesta quando se autoriza a não achar tão linda uma determinada cruz tão valorizada por *Michel*. Essa, em especial, tinha valor narcísico para sua família, fora roubada do pai e oferecida a ela.

Finalmente, Freud escreve em “O futuro de uma ilusão” que “as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo, tendo que para isso se colocar a certa distância dele”. E, nesse sentido, ele afirma que “o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro”.

Nesse filme em que a “linguagem da ternura”, em sua inocência, ganhou contorno na fantasia da dupla em questão, e fora silenciada pela “linguagem da paixão”, pela violência, da invisibilidade, da tirania e intrusividade do poder da dominação. Com isso, em nome da lei, a inocência segue desprotegida e desamparada.

Sem haver possibilidade de negociar a sua manutenção na família Dolle, junto à autoridade local, demonstra, em seu desfecho, o potencial traumático dessa nova separação. Nesse contexto, ambos impotentes diante da violência imposta, Michel frustrado, agredido, perde seu objeto de valor afetivo e de controle. Assim, a tragédia se reapresenta, se repete. Juntamente a uma legião de desamparados pela guerra e pela vida, Michel-mamãe seria um objeto de ser procurado em meio à multidão angustiada. E, mais uma vez, ela, a pequena *Paulette*, encontrar-se-á desamparada. Contudo, para o espectador, o enigma se mantém, talvez ambos, possam continuar a buscar as cruzes mais belas para organizar um altar ou um cemitério e ofertar a seus objetos de amor, que morrem ou são perdidos no caminho.

Março/2015

**Marcia Maria dos Anjos Azevedo**

mmazevedo@globo.com

Rio de Janeiro-RJ-Brasil